

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς  
ἡμερῶν ἕνεκα ἡμεῖς ἐπισημοῦς  
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

**José Nunes Carreira**, *Vieira: A Escritura no Púlpito*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006, 224 pp.

Tenho registada na memória uma conversa ocasional, tida no ano de 1997 por ocasião do Congresso *Vieira Escritor*, no qual o professor José Nunes Carreira acabara de apresentar uma comunicação subordinada ao título «O uso da Escritura nos sermões de Vieira». Falava da necessidade absoluta de um estudo da Bíblia na obra de Vieira, aprofundado e extenso. Na comunicação que apresentou a esse Congresso declarou que era impossível «condensar em poucas palavras filologia e crítica (textual e literária), hermenêutica e método, exegese e amplificação retórica dos textos da Escritura». Esse desiderato, que vem de longe, encontrou, finalmente, realização. O plano traçado na comunicação de 1997 foi cumprido à risca em versão ampliada em nove capítulos, onde de facto se trata da omnipresença da Escritura em Vieira (capítulo I), dos princípios gerais da hermenêutica (capítulo II), da filologia, crítica textual e crítica literária (capítulo III), do conhecimento da tradição exegética e da sua aplicação (capítulos IV e V), dos conhecimentos de Vieira do mundo do Antigo e do Novo Testamento (capítulos VI e VII). O capítulo VIII, em nítida ampliação ao plano inicial, ocupa-se da inserção de Vieira na estética barroca, um aspecto que, sendo formal, constitui sem dúvida o fundamento da força persuasiva da palavra de Vieira. A esse respeito escreve José Nunes Carreira: «Vieira não foi primariamente teólogo nem exegeta. Por mais tautológica que seja a afirmação, não a tememos: foi pregador. Não procurou só nem principalmente o sentido dos textos. Quis encontrar apoio escriturístico para a argumentação retórica. Proclamando e declamando a palavra viva, quis passar além do ouvido e chegar aos corações, convencer, converter, influenciar. A exegese foi tão-só um dos elementos da grandiosa construção barroca do sermão (p. 215).»

Isto diz Nunes Carreira no Epílogo, o capítulo IX da obra, onde, além de facultar ao leitor uma actualizadíssima súpula da história da exegese, acentua em conclusão a faceta artística dos sermões de

Vieira como monumento literário. São estas as suas palavras finais: «As empolgantes formas sonoras significativas que são os sermões assemelham-se antes a uma construção arquitectónica do barroco, rica e faustosa nos elementos decorativos, entre festiva e dramática, ora incitando à vida serena e tranquila ora apontando o drama escatológico do mundo e o fim inexorável de cada um. Em suma, a oratória à base de elementos da Escritura criou uma arquitectura sonora condizente com a maior parte das igrejas em que foi dita (p. 215).»

Não obstante a sugestão vívida desta imagem, «nem a retórica, nem a filosofia política, nem a ética, nem a teologia atingem a substância mais íntima e mais genuína dos sermões. Por intenção e conteúdo, cada sermão é um desdobrar de argumentos ao serviço de determinada interpretação de um lugar bíblico, enunciado nas primeiras palavras do exórdio (Margarida Vieira Mendes *et alii*, *Vieira Escritor*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 95).»

De facto, em toda a obra de Vieira, e particularmente nos *Sermões*, a Sagrada Escritura está omnipresente em citações, algumas estropiadas por lapso de memória, em alusões, em exemplos recorrentes, em simples associação de passos de textos diversos, que formam, em um todo harmónico, frases que nenhum autor sagrado escreveu assim.

Sobre esta ideia simples de que a Bíblia é o elemento estruturante dos *Sermões* está organizado todo o primeiro capítulo, concluído com uma paráfrase de um passo célebre do *Sermão de Santo Inácio*: «É tão ampla e evidente a extensão dos conhecimentos escriturísticos denunciada nos Sermões que (...) “se as Escrituras (como no tempo de Esdras) se perdessem” achar-se-iam na memória do Padre António Vieira (p. 39).»

Da omnipresença da Escritura em Vieira, passa-se à consideração, no capítulo II, do método seguido na sua interpretação. Este capítulo abre com uma breve história da hermenêutica, escrita por um especialista em linguagem transparente e discurso acessível, muito útil para enquadrar o leitor. «No contexto em que nasceram os textos, o sentido era desprovido de ambiguidade (p. 41).» Mas novas circunstâncias impuseram novas formas de os ler e entender. Deste modo, nasceram interpretações actualizantes no seio da própria Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento. S. Paulo serve-se das técnicas interpretativas em voga nos meios rabínicos do seu tempo. Seguindo-lhe o exemplo, os Padres da Igreja e todos os exegetas posteriores aprenderam a buscar na letra o sentido espiritual. Esclarece-se também o que se entende por quatro sentidos da Escritura: histórico, dogmático,

moral, místico. Uma observação oportuna explica que se trata mais de uma «classificação prática das ciências sagradas» do que de um princípio de exegese. Mas como todos sabemos Vieira navega nestas águas, içando largamente as velas aos ventos da interpretação alegórica. Daí o aviso que se lê na página 42: «A um espírito moderno, a exegese patrística e medieval parece tecida de construções arbitrárias e apoiada numa cultura datada, sem o rigor objectivo exigido pela crítica. Há ainda uma objecção de fundo: o Antigo Testamento não é apenas prefiguração de Cristo: é também preparação histórica e uma pedagogia.»

Observações destas dão conta da dimensão crítica da perspectiva do Autor e apetrecham o leitor com instrumentos seguros para entender e contextualizar o pensamento e a hermenêutica de Vieira. Mas haveria alguma injustiça em não salientar o que há em Vieira de moderno, de intuições geniais que enunciam princípios válidos para sempre, como quando escreve: «Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus (...). As palavras de Deus pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavra de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavra de Deus, antes podem ser palavra do Demónio (p. 43).» Para isto se chama a atenção dizendo que Vieira tinha ideias básicas claras e acertadas. Dispensamo-nos de me alongar neste ponto. Insisto apenas em que Nunes Carreira deixa bem claro que Vieira utiliza com grande mestria os princípios tanto da exegese histórica como da alegórica.

Filologia, etimologias, crítica textual, crítica literária, são os tópicos que preenchem o terceiro capítulo. A primeira questão que se coloca é aquilatar da profundidade e actualização dos conhecimentos bíblicos de Vieira: em primeiro lugar, das línguas originais do texto sagrado, principalmente do hebraico e do grego; em segundo lugar, das correntes e das tendências do pensamento exegetico do seu tempo. Pelas análises filológicas que Vieira faz, parece ter adquirido noções básicas de hebraico e de grego. Mas não ia além disso, nem precisava. Bastou-lhe saber latim para compulsar o *De Nominibus Hebraicis* de S. Jerónimo, ou um sucedâneo dele, para encontrar a etimologia dos nomes próprios que explorava exegeticamente; ou para ler e reler atentamente a obra exegetica de Cornélio Alápide, ou até para confrontar versões das Bíblias políglotas. Esta é a conclusão geral a que nos conduz Nunes Carreira, sem deixar de acentuar a cada passo que não falta a Vieira «intuição literária» (p. 77), que é pioneiro em matéria de identificação e caracterização de géneros literários nos livros do Antigo Testamento (p. 75) – o da lamentação individual no

livro de Job, o da lamentação colectiva no salmo 43, o da tragédia na narrativa da morte de Saul. A este propósito, são citados dois textos, escritos a três séculos de distância um do outro; o primeiro de Vieira, o segundo do exegeta alemão Von Rad. Diz Vieira: «Morreu el-rei Saul na fatal batalha dos Montes de Gelboé, e morreram juntamente três filhos seus: o príncipe, e dous infantes. Ao outro dia vieram os filisteus a recolher os despojos, e reconhecendo entre os mortos os corpos dos quatro príncipes, insolentes com a vitória os enforcaram barbaramente, e os deixaram pendurados das ameias nos muros da cidade de Betsan. (...) Desta maneira estiveram expostos aos olhos do mundo aquelas quatro grandes figuras desta grande tragédia (p. 75).» Von Rad, que provavelmente nunca leu Vieira, defende, em pleno século XX, que a narrativa da morte de Saul pertence ao género da tragédia, dizendo: «As narrativas (de Saul) acompanham até ao fim o caminho do infeliz rei com profunda participação humana e desenrolam uma tragédia que no seu último acto se eleva a solene grandeza. Na realidade, nunca mais Israel produziu uma obra literária que tanto se tocasse de perto, em certos traços, com a tragédia grega (p. 75).»

Em suma, Vieira antecipa-se por génio e intuição. Há todavia que ter em conta, como salienta Nunes Carreira, que Vieira não se assume nos *Sermões* como professor de exegese, mas como pregador: e daí a procura de efeitos catequéticos, pastorais, parenéticos e principalmente retóricos, na perspectiva do que hoje se chama retórica da persuasão, ou seja, aquela que deve conduzir à conversão, à mudança de vida. Tal não quer dizer que não ceda, por vezes, ao jogo cultista e gongórico. O que leva a concluir que às vezes o raciocínio parece brilhante, mas não convincente. Assim é, de facto. Mas para o tempo de Vieira, a agudeza do conceito era tida como recurso literário e argumentativo de grande efeito.

A conclusão deste capítulo, de fino rigor, extenso conhecimento e equilibrado nos juízos enunciados, é que «Talvez se pudesse esperar mais; mas não no púlpito; [...] admira é que no púlpito, que não é cátedra universitária, se tenha feito tanto (p. 79).» No púlpito: que fora do púlpito, Vieira manifesta outras facetas de exegeta. Mas, como é dito na introdução, «quando se lembrará algum doutorando em Teologia, em Ciências Bíblicas ou mesmo em Letras (com o necessário apetrechamento metodológico) de pegar em Vieira? Há matéria não para uma, mas para várias dissertações (p. 7).» Não hesito em acrescentar: o caminho está traçado neste livro e o método definido.

Do método seguido por Vieira se ocupa o capítulo IV. Em subcapítulos são analisadas a forma e a profundidade com que Vieira

incorpora na sua exegese os conhecimentos de geografia e história, como integra a tradição patrística e a reflexão de teólogos e exegetas que o precederam, e ainda como maneja as concordâncias bíblicas na elaboração dos sermões. É feita com muita perspicácia uma análise das referências históricas. A conclusão que se tira é que Vieira, com as limitações próprias do saber da sua época, é admirável no modo como enquadra historicamente os textos bíblicos. Como não poderia deixar de ser, abundam as observações e as correcções oportunas introduzidas por Nunes Carreira. Chama-se a atenção para as aquisições da exegese moderna em conhecimento de textos e contextos, em categorias de análise que levam a distinguir o que é mítico do que é histórico e aconselham mais cautela na avaliação do carácter e do conteúdo de certas figuras e de certas narrativas, tidas por históricas, mas que o não são. Mas nem por isso se deixa de reconhecer a Vieira o mérito e a capacidade extraordinária de reconstituir ambientes ou de esboçar traços de carácter. É dada como exemplo a caracterização do reinado de Herodes, a qual, não obstante um pequeno erro de cronologia, traça um quadro perfeito do ambiente que se vivia quando Jesus nasceu. Assim diz Vieira citado por Nunes Carreira: «é de saber que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foi o homem que por todas as artes e manhas soube melhor ganhar, sujeitar, e unir a si os ânimos dos homens. Como era intruso na coroa, e reinou quarenta e dous anos, sempre com receio de que o privassem do reino, a uns granjeava com favores e mercês, como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como tirano. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu reino mais que uma só vontade, que era a sua (p. 86).» É admirável que Nunes Carreira, com os conhecimentos que tem e Vieira não podia ter, teça um comentário que apoia inteiramente a análise perspicaz de Vieira.

Da análise feita, ressalta também que os Padres, Teólogos e Exegetas são «o pilar mais sólido da exegese bíblica de Vieira (p. 89)». Um breve percurso pelas referências a Jerónimo, Agostinho, Ambrósio, Basílio, Crisóstomo, Atanásio, os dois Gregórios, o de Nazianzo e o de Nissa, e a outros dos antigos, passando depois aos medievais e aos modernos: Tomás de Aquino, Bernardo de Claraval, Beda, Anselmo de Cantuária, Ruperto e, dos mais recentes, Maldonado, Alápide, Gaspar Sanchez: a respeito de cada um deles há uma observação justa e adequada. Noto apenas que uma ampliação do campo de estudo levará a incorporar, além de mais umas dezenas de autores, alguns portugueses como o Beato Amadeu, Jerónimo de Azambuja, Francisco Foreiro, Heitor Pinto, Jerónimo Osório, Bento Pereira, etc.

Daí se conclui que é vasto «o suporte de ciência escriturística bebida nas mais diversas fontes (p. 101)». Esta conclusão é segura e muito mais justa do que aquela que foi tirada por Van Besselaar, segundo o qual muitos dos autores e textos aduzidos não passavam de erudição de segunda mão. Não é essa a experiência de quem anota Vieira. Ele era um leitor compulsivo. Onde quer que chegasse procurava uma biblioteca e lia. Assim o fez em Amesterdão, assim o fez durante o seu exílio em Coimbra com a Biblioteca do Colégio das Artes e em Roma com a da Vaticana e a da Rainha Cristina da Suécia. Nunca será por demais louvada a perspectiva de análise de Nunes Carreira.

«[...] a exegese bíblica de Vieira impressiona antes de mais pela argúcia e maleabilidade de interpretação – sobriedade e rigor por um lado, liberdade e acomodação por outro.» Estas são as palavras com que abre o capítulo V. Ao longo dele, são feitas análises, várias, paradigmáticas, de sermões que, nas palavras de Nunes Carreira, «mais parecem exercícios de exegese bíblica». Este capítulo é como que uma demonstração prática de que, mais uma vez nas palavras de Nunes Carreira, «Vieira deu nos Sermões um contributo válido à interpretação séria da Escritura». Isso, sem deixar de salientar o «pesado tributo» pago «à mentalidade e estado da Teologia e Exegese do seu tempo».

Um balanço de pormenor do contributo de Vieira no âmbito da exegese do Antigo Testamento é levado a cabo no capítulo VI, porventura o mais estimulante e aquele em que o leitor é conduzido, pouco a pouco, aos arcanos das mais recentes descobertas e teorias no domínio da exegese.

É aquisição nova a valorização da ciência dos mitos, que leva a redimensionar a problemática das narrativas de criação e origem, como é o caso do Génesis. Só três séculos depois de Vieira vieram a lume os textos exumados em Ugarit em 1929, uns sapienciais, outros de carácter épico e mitológico, que abriram horizontes desconhecidos e lançaram nova luz sobre algumas das narrativas do Antigo Testamento. Os novos dados apresentados ao leitor facultam-lhe elementos necessários para a formação de um juízo de valor actualizado e situado no tempo, fazendo em muitos casos ressaltar a genialidade das intuições de Vieira, embora corrigindo-o em muitas observações hoje insustentáveis. Em suma, fica bem demonstrado que Vieira possuía um conhecimento notável da historiografia do Antigo Testamento, da literatura profética, do Saltério e dos livros sapienciais. Se alguma nota negativa resta é que Vieira, por vezes, alegoriza em excesso ou cede demasiado a uma interpretação predeterminada.

«Ao Novo Testamento deu o Padre António Vieira o melhor do seu labor em demanda do sentido dos textos», afirma-se no início do capítulo VII, dedicado expressamente a esta parte da exegese de Vieira. Uma segunda observação esclarece que Vieira pôs em prática a comparação dos evangelhos sinópticos, antes mesmo de ter surgido a ideia de dispor Mateus, Marcos e Lucas em colunas paralelas. Segue-se um levantamento dos passos de S. Mateus comentados por Vieira. Sobre um desses comentários exclama Nunes Carreira: «Belo comentário e belo conhecimento dos Textos! (p. 150)» O que não obsta que a cada passo seja dada a chave da interpretação actual. A propósito da resposta de S. Pedro «Tu és Cristo, Filho de Deus Vivo», vem a talhe de foice o comentário: «Não é de crer que Pedro tenha reconhecido mais do que a messianidade de Jesus. E já não era pouco (p. 151)». Segue-se em revista o Evangelho de Marcos, «usado por Vieira com muita parcimónia» (p. 153). Chama-se a atenção para o facto de que Vieira teria evitado embaraços e explicações complicadas se tivesse lido o original grego, em vez de confiar nas lições da Vulgata. Mas também surgem a cada passo observações encomiásticas como esta: «Notável perspicácia na detecção dos termos que denunciam a rapidez da cena (p. 153)». Isto é afirmado a propósito da degolação de João Baptista, narrada no Sermão da Bula da Santa Cruzada; a exegese de Vieira incide sobre as palavras *statim*, *cum festinatione*, *protinus*, que todas significam «logo». Diz Vieira: «Não há palavra mais equívoca, nem advérbio de mais duvidosa significação, que o Logo em matéria de despachos. (...) Mas estes Logos quão longos são, quanto tardam, e quanto duram! Há Logo de dous anos, e de quatro, e de dez, e de toda a vida. (...) Fez el-Rei Herodes aquele solene convite ao dia dos seus anos; saiu a dançar a Filha de Herodias; disse-lhe o Rei que pedisse, ainda que fosse a metade do seu Reino. E que pediu? A cabeça do Baptista com três Logos. (...) e foram os Logos tão prontos, e tão Logos, que logo entre os pratos da mesa apareceu em um deles a cabeça do Maior dos nascidos. Estes são os Logos da justiça, ou tirania do mundo.»

Segue-se exposição idêntica sobre o Evangelho de S. Lucas. Uma observação certa a respeito de um passo e logo a citação do comentário de Vieira acerca da escolha dos doze Apóstolos: «O número dos doze Apóstolos não só estava estabelecido, mas predestinado. Estabelecido nos doze Patriarcas, filhos de Jacob; nos doze exploradores da Terra de Promissão; nas doze fontes do deserto; nas doze pedras do Racional. Predestinado nos doze fundamentos, e nas doze portas da Cidade de Deus; nas doze estrelas da mulher vestida



do Sol; e nas doze cadeiras do Juízo universal.» Um comentário de Nunes Carreira vem esclarecer e apoiar o comentário de Vieira.

E assim a leitura desliza suave e amena entre observações de grande rigor crítico, de saber profundo e actualizado. Obra bem concebida, primorosamente redigida, fruto de um trabalho aturado de recolha de dados, equilibrada nos seus juízos, oportuna nas suas reflexões, *Vieira: a Escritura no Púlpito* é um passo muito importante, inovador e de grande alcance, para os estudos vieiranos e não apenas dos *Sermões*.

***Arnaldo do Espírito Santo***